

A OCUPAÇÃO DO NOROESTE DO PARANÁ E A CIDADE DE UMUARAMA: UMA RETROSPECTIVA DO PROCESSO DE OCUPAÇÃO

SETTLEMENTS OF THE NORTHWESTERN REGION OF THE STATE OF PARANÁ AND UMUARAMA: A HISTORY OF THE SETTLEMENT PROCESS

Junior Pedro França¹

FRANÇA, J. P. A ocupação do nordeste do Paraná e a cidade de Umuarama: uma retrospectiva da processo de ocupação. **Akrópolis** Umuarama, v. 19, n. 3, p. 165-174, jul./set. 2011.

RESUMO: A ciência Geográfica valoriza o elemento histórico, pois sem compreender este, existe uma lacuna de se entender os espaços atuais e suas transformações. Neste artigo procurou-se discorrer sobre o processo de ocupação do território paranaense, em especial a região noroeste e a cidade de Umuarama. Ao se observar um determinado local, hipoteticamente, espera-se entender quais os reais acontecimentos que levaram aquele lugar a deter aquela conformação. Os processos históricos e as mudanças políticas afetam e alteram a configuração do espaço, para se entender a atual conjuntura territorial, necessita-se saber os fatos e as constatações do espaço geral, para posteriormente compreender os acontecimentos mais específicos do local.

PALAVRAS-CHAVE: Noroeste do Paraná. Umuarama. Ocupação. Transformações do espaço.

¹Mestre pelo programa de Pós-graduação em Geografia - PGE Universidade Estadual de Maringá (UEM). Licenciado em Geografia pela Faculdade de Ciências e Letras de Campo Mourão (FECILCAM). E-mail: francapedro2000@yahoo.com.br.

ABSTRACT: Geography values the historical element because the lack of their understanding causes a gap in the understanding of current spaces and their transformations. This study focuses on the settlement process of Paraná regions, mainly the northwestern area and the city of Umuarama. When a certain space is under analysis, it is highly interesting to discover the actual events that made that space become what it is today. The historical processes and political changes affect and alter spacial configuration. Information on facts and general space should be known so that current territory contours may be understood. The events and occurrences of that particular space will be eventually understood.

KEYWORDS: northwestern region of the state of Paraná. Umuarama. Settlement. Space transformations.

Recebido em fevereiro 2011
Aceito em maio 2011

INTRODUÇÃO

A ocupação do território paranaense, especialmente do Norte do Estado, é fruto de um processo ímpar da história do Brasil. Foi marcada pelo processo agrário de distribuição de terras por meio de empresas loteadoras e pelo desmatamento e rápida ocupação das áreas loteadas.

A formação territorial é marcada por políticas públicas e privadas voltadas à ocupação e ao desenvolvimento dos lugares. Com base neste conhecimento, buscou-se neste estudo enfocar o processo de ocupação desenvolvido na Região Noroeste do Paraná, e com maior aprofundamento, o surgimento do município de Umuarama nesta região, denominada por alguns pesquisadores de “Norte Novíssimo”.

A metodologia utilizada foi uma investigação bibliográfica, compreendendo documentos, mapas, teses e dissertações, assim como, publicações referentes a fatos marcantes no processo de ocupação do Norte do Paraná. Na primeira parte do artigo é dada ênfase ao processo de ocupação do Estado do Paraná, de modo especial às ações das frentes de ocupação. Em seguida, focalizou-se o caso específico do processo de ocupação do Norte do Estado, região que se destaca pelo loteamento efetuado em grande escala pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP). Na última parte o trabalho particulariza-se o processo de ocupação do município de Umuarama e algumas de suas características socioeconômicas.

Esta pesquisa fundamenta-se na relação histórico-geográfica, retratando os fatos que podem contextualizar as transformações do espaço. Phillo (1996, p.270), afirma: “a geografia do mundo está estreitamente ligada com o que acontece em sua história”. Essa ideia nos revela alguns processos históricos que ocorreram e que retratam a atual configuração do espaço territorial do município.

A GÊNESE DO PROCESSO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO NO NORTE DO PARANÁ

Na gênese de sua descoberta pelos europeus, o território onde atualmente se situa o Estado do Paraná, foi dividido em duas áreas de colonização, estabelecidas pelo Tratado de Tordesilhas, em 1494. Este dividia as terras recém-descobertas entre os reinos de Portugal

e Espanha. Sendo assim, a região paranaense e grande parte do território brasileiro estiveram sob a jurisdição da Coroa Espanhola até meados do século XVIII, quando se instituiu o tratado de Santo Ildefonso, que estabeleceu novas fronteiras entre os dois reinos.

Percebendo a necessidade de ocupação do território que hoje se conhece como paranaense, a Coroa Espanhola criou, na segunda metade do século XVI, as primeiras vilas neste território, denominadas de Ciudad Real de Guairá (1557) e Vila Rica (1576). Essas terras eram administradas por missionários Jesuítas, que instalaram o sistema de reduções (ou missões) como meio de alfabetização e catequização dos povos indígenas da região, os quais serviam para a Coroa Espanhola como mão de obra nos trabalhos agrícolas, pecuários e manuais. No entanto, essas primeiras iniciativas de ocupação do território tiveram seu fim em meados do século XVIII, devido à invasão do território pelos bandeirantes paulistas, gerando grandes vazios demográficos.

Com um processo de ocupação de curto prazo, a Coroa Espanhola abriu espaço para a expansão da Coroa Portuguesa, iniciada a partir do litoral em meados dos séculos XVI, até as regiões antes pertencentes à Espanha. Marcada por contextos diferentes, a ocupação do território paranaense, configura-se por três grandes avanços de ocupação: do litoral e dos Campos Gerais, por meio da mineração e do tropeirismo, a do Norte e Noroeste, por meio da cultura cafeeira e do Oeste e Sudoeste paranaense, principalmente por meio da erva mate e pecuária. Tais avanços, além da clara intenção de ocupar o espaço físico, tinham um caráter de exploração dos recursos naturais da região (Figura 1). Segundo Cardoso (1981, p. 09):

A história do Paraná compreende a formação de três comunidades regionais: a do Paraná tradicional, que se esboçou no século XVII, com a procura de ouro, e estruturou-se no século XVIII sobre o latifúndio campeiro dos Campos Gerais e, mais tarde, no século XIX, nas atividades extrativas e no comércio exportador da erva-mate e da madeira; e a do Paraná moderno, já no século XX, sendo a do Norte, com a agricultura tropical do café, a que, pelas origens e interesses históricos, ficou, a princípio, mais diretamente ligada a São Paulo; e a do Sudoeste e Oeste, dos criadores de suínos e plantadores de cere-

ais que, pelas origens e interesses históricos, ficou a princípio mais intimamente ligada ao Rio Grande do Sul. (CARDOSO, 1981, p. 09).

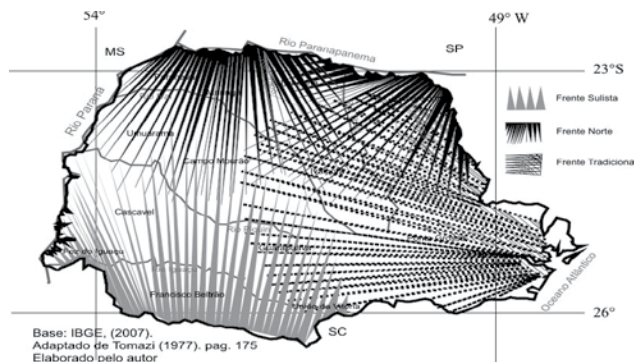


Figura 1: Frentes de ocupação do Paraná
Fonte: Tomazi (1997)

O processo de ocupação do território da área correspondente ao Paraná Tradicional é marcado pela entrada de um expressivo contingente populacional pelo litoral, com a finalidade de explorar os metais preciosos encontrados nos leitos dos rios e frear os índios. Segundo Wachowicz (1988, p. 41), sobre a origem: “Vindos de Cananéia, São Vicente, Santos, São Paulo e até do Rio de Janeiro, atraídos pelo alvoroço levantado com o descobrimento do ouro na baía de Paranaguá”.

Com o ciclo econômico paranaense do ouro houve o povoamento efetivo do litoral (ou do chamado Primeiro Planalto ou de Curitiba), dando origem às primeiras povoações, como: Paranaguá, Curitiba, São José dos Pinhais, Morretes e Guaratuba.

Outro processo de ocupação da área denominada Paraná Tradicional corresponde ao povoamento do Segundo Planalto ou dos Campos Gerais. Compreende a fundação de Ponta Grossa, Castro, Piraí do Sul e outros municípios desta região.

As sociedades estabelecidas nos Campos Gerais se caracterizavam por serem (sic) uma sociedade constituída de famílias patriarcais que iam além da família nuclear: ela abrigava em seu seio agregados e homens pobres livres protegidos dos grandes proprietários, caracteriza-se também por ser uma sociedade sustentada pelo trabalho escravo (...) e ainda caracterizada como uma sociedade assentada na grande propriedade, nas grandes sesmarias de criação de gado bovino, muar e cavalari. (MOTA, 2005 p. 32)

O segundo processo de ocupação ocorreu na área correspondente ao Norte do Paraná, e é sobre essa região que se lançou um olhar mais detalhado nesta pesquisa.

Por fim, a terceira e última, que corresponde às áreas do Oeste e do Sudoeste e Oeste do Estado e se deu em meados das décadas de 1950, originando diversos núcleos populacionais, como os municípios de Dois Vizinhos, Francisco Beltrão, Medianeira, Toledo e Marechal Cândido Rondon.

Segundo o historiador Wachowicz (1988, p.271), “essa nova frente pioneira, chegou ao Paraná estimulada pelos problemas com o excesso de mão de obra agrícola e o acúmulo de capital no Rio Grande do Sul e Santa Catarina o qual estimulou a migração para outros estados”.

A OCUPAÇÃO DO NORTE DO PARANÁ

A ocupação do Norte do Paraná constituiu-se como o terceiro processo de ocupação e tem sido alvo de investigação por parte de diversos estudiosos do tema, como Cancian (1981), Tomazi (1997), Luz (1997), Haracenko (2007), entre outros especialistas. Para alguns autores, essa ocupação possui três fases distintas, apesar de suas similaridades: a ocupação do Norte Pioneiro (ou Velho), a do Norte Novo e a do Norte Novíssimo. Toda a Região Norte fora ocupada por imigrantes de diversas regiões, principalmente por paulistas e mineiros, fruto do processo econômico vigente, dependente da cafeicultura (Figura 2).

Segundo Cancian (1981), a cafeicultura paranaense processou-se em três fases.

A primeira fase corresponde à ocupação do Norte Velho, desde a divisa com São Paulo até o Rio Tibagi, a partir do final do século XIX e início de século XX, culminando com a crise de 1929. A segunda foi a fase de ocupação do Norte Novo, a partir da região do Rio Tibagi, passando por Londrina, até as margens do Rio Ivaí, a partir de 1930, tendo ocorrido de forma lenta até o final da Segunda Guerra Mundial e acelerando-se a partir daí. Nessa fase a cafeicultura no Norte Pioneiro sofreu transformações profundas. A terceira fase de ocupação deu-se ao longo do Ivaí e do Piquiri, no Norte Novíssimo, e deste último até o Rio Iguaçu, no Extremo Oeste Paranaense, entre as décadas de 1940 e 1960, quando se encerrou o expansionismo da cafeicultura paranaense. (CANCIAN, 1981, p. 50).

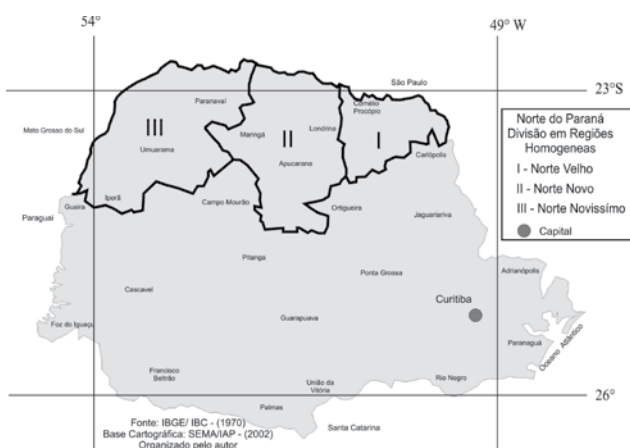


Figura 2: Processo de ocupação da Região Norte do Paraná.

NORTE PIONEIRO

A região denominada Norte Pioneiro (ou Velho), atualmente chamada pelo IBGE de Mesorregião do Norte Pioneiro Paranaense, corresponde à divisa com São Paulo até o município de Cornélio Procopio. Foi a primeira a ser ocupada, sendo apontada por muitos estudiosos como exclusivo fruto do avanço da fronteira agrícola do café paulista; porém, segundo Wachowicz (1988) e Mota (2005), o processo de ocupação dessa área remonta à década de 1840.

Para Mota.

Em 1842-1843, um mineiro de Brazópolis, sul de Minas Gerais, chamado Domiciano Correa Machado, instalou-se à margem esquerda do rio Itararé, fundando a povoação de São José do Cristianismo, dando início, assim, à ocupação do Valuto. Em seguida foram chegando novas famílias de fazendeiros mineiros, que vendiam suas terras no sul de Minas e adquiriam extensas áreas na região, fundando vilas e cidades, como Siqueira Campo, Tomazina e outras. (MOTA 2005, p. 61).

Com a gênese do processo de ocupação dessa área teve início o sistema econômico safrista (cultivo de milho para porcos), que entrou em decadência na década de 1940, dando início à expansão paulista cafeeira em busca de novas áreas para o plantio do café.

Essa fase, de iniciativa particular dos grandes fazendeiros paulistas, é marcada por uma ocupação sem planejamento e controle, os quais, com a ampliação de suas lavouras, exigiram a construção da ferrovia ligando a região a São Paulo.

NORTE NOVO

O Norte Novo corresponde à área atualmente chamada pelo IBGE de Mesorregião do Norte Central Paranaense. A Lei de Terras de 1850, que teve como objetivo organizar a propriedade privada no Brasil estabeleceu que as terras não ocupadas passassem a ser propriedade do Estado e só poderiam ser adquiridas por meio de compra, e não mais por simples posse.

Com a proclamação da República, que firmou o domínio do Estado sobre as terras devolutas, o governo do Estado investiu em uma política de concessões de terras a empresas colonizadoras que deram início ao processo de concretização da colonização da área paranaense.

Segundo Mota (2005),

Proclamada a República, foi a vez do Estado do Paraná conceder as terras das margens do Tibagi para as empresas Corain Companhia e Leopoldo Paula Vieira. Foram 50 mil hectares de terras (...) Mas a maior concessão seria a feita em 1927, para a Companhia Paraná Plantation Limited, sediada em Londres. Foram 515 mil hectares de terras entre os rios Tibagi e Paraná, onde hoje se localizam Londrina, Maringá, Cianorte, Umuarama e numerosas cidades de menor porte. (MOTA, 2005, p.70).

A *Parana Plantation*, que assumiu a política de venda de terras no Norte do Paraná e colonizava a região, foi representada pela CTNP (Companhia de Terras Norte do Paraná) – de capital inglês – que realizou a ocupação do território a partir de 1920 e assistiu a uma explosão populacional a partir de 1950.

Londrina, Maringá, Cianorte e Umuarama foram cidades planejadas para se localizarem a uma distância de 100 quilômetros entre elas com a finalidade de se tornarem metrópoles modernas, organizadas e estruturadas para receber as pessoas dos pequenos núcleos urbanos. Esses pequenos núcleos foram instalados a uma distância de 15 quilômetros entre eles logo, a população e as empresas iriam buscar bens e serviços nas metrópoles.

Todas foram fundadas pela Companhia Melhoramento Norte do Paraná (CMNP), nome que a CTNP passou a ter quando passou a ser gerenciada por um grupo de empresários brasileiros. Algumas das cidades fundadas por essa

empresa colonizadora nasceram planejadas justamente para se tornarem polos, e as cidades menores fundadas entre elas seriam base para armazenamento de café e outros produtos, além de serem locais de pequeno comércio para atender as necessidades imediatas de uma população local.

NORTE NOVISSÍMO

O Norte Novíssimo é o território que se estende das proximidades do município de Maringá até o rio Paraná e o rio Piquiri e corresponde à área que o IBGE classifica como de Mesorregião do Noroeste Paranaense. Os principais municípios desta área são: Paranavaí, Cianorte e Umuarama (foco da pesquisa). Na região predominou a colonização organizada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP).

A ocupação começou por volta de 1950, mas a efetivação e vinda de imigrantes aconteceram por volta de 1960, quando ocorreu um aumento populacional em toda a região. Todos vinham em busca da famosa “terra roxa”, no qual o café se desenvolveu bem, gerando boas produções. No entanto, em algumas localidades o solo era arenoso e muito pobre em nutrientes, e em poucos anos, sem a devida correção, tornou-se inviável para esse cultivo.

Segundo Fonseca (2006), o histórico de ocupação do Norte Novíssimo paranaense segue a ascensão da economia cafeeira nesta região, que foi em grande parte responsável pela abertura das frentes de povoamento, bem como pela determinação da forma de ocupação da terra e estrutura fundiária agrícola vigente naquela época.

O período de maior dinamismo da cafeeicultura, situado entre meados da década de 1940 e a década de 1970, teve como cenário principal de sua expansão as terras do Norte paranaense.

Este avanço planejado pela CMNP veio instaurar na região certo planejamento dos lotes rurais e também a construção de cidades esquematizadas, seguindo um esquema de construções de estradas e cidades no alto dos espigões.

A fase de expansão, entre as décadas de 1940 e 1960, em direção ao Noroeste do Estado – Norte Novíssimo – foi atraindo o povoamento mais para o interior, repercutindo no surgimento de novos municípios. A CTNP também mar-

ca sua presença nesta nova empreitada, adentrando os limites do Noroeste paranaense, em meados da década de 1940, aumentando assim sua área de atuação em 30 mil alqueires (Gleba Umuarama). Nesse momento, a CTNP passa a apostar em seus dispendiosos projetos urbanísticos, com suas cidades planejadas, visto que os solos arenosos da Região não se constituíram em forte atrativo para os cafeicultores. (CARVALHO, 2008).

Os principais núcleos urbanos formados pela CTNP, e posteriormente pela CMNP nesta nova etapa, no Noroeste do Paraná, foram: Cianorte, Umuarama, Cruzeiro D'Oeste, Xambrê, Terra Boa dentre outros. Além disso, a Companhia também realizou nessa região a formação de fazendas destinadas à agricultura, mas principalmente à atividade pecuária (CARVALHO, 2008).

As cidades compreendiam áreas destinadas às diferentes classes da sociedade, e também como áreas de planejamento para a construção de indústrias, comércios e serviços, ou seja, cada qual poderia instalar-se num local determinado dentro da malha urbana (Figura 3).



Figura 3: Modelo de planta das cidades planejadas pela CMNP

Fonte: Prefeitura Municipal de Umuarama (2008)

A forma de divisão dos terrenos na zona rural dos municípios colonizados pela CMNP foi determinada da seguinte forma: os lotes eram divididos seguindo as estradas nos divisores de água, de modo que cada lote dava acesso à estrada que seguia o espigão e à drenagem na baixa vertente.

O pequeno produtor iria plantar café nos

altos espigões e próximo ao curso d'água iria construir sua residência. Os lotes teriam de 10 a 15 alqueires, para o estabelecimento de grande número de famílias (figura 4).



Figura 4: Visão gráfica em perspectiva panorâmica do sistema de repartição de terras executado pela CMNP

Fonte: CMNP (1975, p. 122)

Para Delgado (2007), a partir de 1960 teve início a decadência da situação do café no mercado, causada, sobretudo, pelo excesso de produção do Brasil e dos outros países produtores, pelas geadas no início dos anos de 1970, além de uma política econômica desfavorável resultante da conjuntura política mundial.

Esses fatores contribuíram para que o café fosse substituído por culturas temporárias, como a soja, trigo e milho o que acarretou o surgimento de uma agricultura diversificada em todo o Estado do Paraná. Na região do Norte Novíssimo a cultura foi substituída por áreas de pastagens, atividade que se adaptou às condições impostas ao solo arenoso.

Carvalho (2008), afirma ao analisar os desdobramentos ocorridos no campo no Estado do Paraná, que a partir da década de 1970 observou-se um forte esvaziamento populacional dos municípios da região do Norte Novíssimo. O desenvolvimento desses municípios, que estava pautado na cafeicultura praticada em pequenas e médias propriedades e na mão de obra familiar e no trabalho não assalariado, passou a se modificar com a alteração da matriz produtora.

Essa nova situação acarretou mudanças nas relações de trabalho, dando uma nova configuração ao espaço rural da região. As áreas de café foram dando lugar às pastagens e o cultivo agrícola foi impulsionado pelas mudanças políticas e ambientais e por diversos incentivos do governo.

SÍNTESE HISTÓRICA DE UMUARAMA

O processo histórico de Umuarama decorreu de diversos fatos. Um destes fatores foi que a CMNP, no seu crescente desenvolvimento, atingiu a região denominada “Cruzeiro”, onde se processou a colonização de uma área de 30 mil alqueires de propriedade de terceiros. Este lote foi entregue à CMNP para a colonização, desta forma surgiu a “Gleba Cruzeiro”, sendo Umuarama, distrito do município de Cruzeiro do Oeste.

A fundação de Umuarama, segundo IBGE (2008), ocorreu no dia 26 de junho de 1955, na presença dos diretores da Companhia, além de centenas de personalidades convidadas que assinaram a Ata de Fundação de Umuarama, transcrita da seguinte maneira:

Aos vinte e seis dias do mês de junho de um mil novecentos e cinquenta e cinco, a Cia Melhoramentos Norte do Paraná, representada por seus diretores e chefe de serviço, declara inaugurada a cidade de Umuarama, situada no Núcleo Cruzeiro, quilômetro 522, da Linha ferroviária que de Ourinhos demanda Guairá, municípios de Cruzeiro do Oeste e Comarca de Peabiru. Umuarama, 26 de Junho de 1955. (IBGE, 2008).

Segundo o IBGE (2008), a criação do município só veio a acontecer no dia 25 de junho de 1960, por força da lei número 4245, desmembrando-o definitivamente do município de Cruzeiro do Oeste.

A Figura 5 apresenta a vista aérea do núcleo urbano de Umuarama no início da década de 1960. Observa-se na foto o formato das ruas e o entroncamento das redes viárias em direção a praça, vestígios do formato planejado das cidades arquetetadas pelo CMNP.



Figura 05: Vista aérea da área urbana de Umuarama em 1963.

Fonte: Acervo Muller Conceição, Umuarama – PR

Umuarama é uma cidade etnicamente bem diversificada, sendo seus fundadores oriundos de diversos lugares do Brasil. Foi povoada, de início, principalmente por gaúchos, mineiros, paulistas, nordestinos e imigrantes estrangeiros como, japoneses, italianos, portugueses e sírio-libaneses.

Segundo Haracenko (2007), os primeiros habitantes da região foram os índios da tribo Xetá (Figura 6), que viviam na região denominada de Serra dos Dourados – Umuarama (nome dado pelos moradores devido à grande quantidade de cobras). Hoje, devido às condições impostas pelo processo de ocupação promovido pela CMNP, não são encontrados vestígios de integrantes desta tribo vivendo em seu local de origem.

Ainda segundo a mesma autora, os Xetás foram expulsos das terras que lhes pertenciam, além disso, ocorre um desprezo por parte dos historiadores e governantes em relação à história indígena local. Com relação à ocupação, segundo Hacenko (2007), os indígenas do grupo Xetás são os verdadeiros povos autóctones da região.



Figura 6: Expedição Serra dos Dourados
Fonte: Acervo Cultural de Umuarama, sem identificação do fotógrafo (1955)

Segundo os documentos da Prefeitura Municipal de Umuarama (2008), aventureiros iniciaram sua incursão na região com a retirada dos indígenas, os primeiros habitantes. Os aventureiros vinham dos mais diversos estados brasileiros, sem famílias. Tinham hábitos e costumes diferenciados, trabalhavam na empreitada da derrubada da mata e alojavam-se em pequenas povoações às margens dos rios.

Alguns deles vinham com a família, faziam a derrubada para iniciar a plantação de

café e cereais em geral. Foram tempos difíceis, principalmente quando chovia, dificultando o acesso aos recursos.

A parte urbana do município foi projetada assim como as cidades de Londrina, Maringá e Cianorte. Estas cidades, com base no projeto de ocupação da CMNP, serviriam de suporte e infraestrutura para a população da região, sendo que a cada 15 a 20 quilômetros iria ser fundada uma vila ou município com a função de receber os produtos produzidos pela zona rural.

A Figura 7 apresenta a vista aérea da zona central, planejada, de Umuarama em 1963.



Figura 7: Vista aérea da região central de Umuarama (1963)

Fonte: Acervo Muller Conceição – Umuarama -PR

Estas características de pequenas propriedades propiciaram na região, a formação de uma área rural intensamente habitada, devido principalmente à utilização de mão de obra familiar. Os colonizadores apostaram neste tipo de empreendimento para a obtenção e circulação de capital, que provocaria maior capacidade de aplicação de investimento nos núcleos urbanos (HARACENKO, 2007).

Segundo os documentos da CMNP (1975), previa-se que os pequenos agricultores supririam suas necessidades nos núcleos urbanos, favorecendo a circulação de capital e de mercadorias. Umuarama, cidade planejada, foi contemplada com a vinda de muitos agricultores, o que promoveu um impulso populacional considerável (Figura 8).



Figura 8: Chegada de colonos à Fazenda Santa Rosa – Umuarama - PR

Fonte: Acervo de Vladimir Kozák, 1958

Devido a este fato a empresa colonizadora colocou em prática um plano de ocupação urbana de autoria do engenheiro Vladimir Babcov, utilizando experiências de cidades planejadas como Maringá e Londrina. O arruamento teria formas inspiradas em cidades inglesas.

As ruas foram dispostas formando quarteirões retangulares, porém com a inserção de praças, geralmente redondas, das quais partiam diagonais, definindo-se também lotes irregulares. Ao longo das avenidas foram elaboradas praças rotatórias e cinturões verdes na região central (Bosque dos Xetás). Estas ideias se refletiram nos projetos das empresas imobiliárias que promoveram a expansão e crescimento urbano de Umuarama (Figura 3).

Passado o processo de ocupação do território de Umuarama, devido às mudanças políticas para a agricultura e às alterações climáticas, a configuração do espaço rural foi também se modificando. A população do município, que era majoritariamente rural, passou a migrar para a cidade a partir de 1980, e os municípios vizinhos de Umuarama passaram a ter um decréscimo da população (Figura 9).

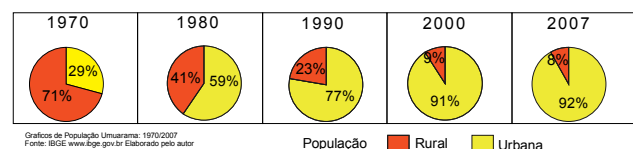


Figura 9: Evolução da população de Umuarama 1970-2007

Fonte: IBGE, 2007

Logo após estes fatos históricos, segundo documentos da Prefeitura de Umuarama (2008), o município passa a se tornar um grande polo de

produção de alimentos e instalação de indústrias, fatores que constituem fonte de renda e emprego. Devido a sua infraestrutura urbana, a cidade passa a ser fornecedora de serviços especializados como educação, saúde, técnica e cultura.

Hoje Umuarama desponta como polo regional da Amerios (Associação dos Municípios Entre Rios) e coordena esta instituição, que abrange 32 municípios (Prefeitura Municipal de Umuarama, 2008).

Segundo Zago et al. (2004), é evidente que a CTNP foi de grande importância para esse processo, mas deve-se ressaltar que essa ocupação não se deu assim como relatam os discursos oficiais. A (re) ocupação pela CTNP ocorreu em um contexto de aplicação do capitalismo no Brasil.

Aparentemente, o objetivo principal da empresa era implantar um plano racional de colonização. No entanto, fica claro em alguns relatos que havia também um grande interesse de exploração das terras adquiridas. O objetivo principal da CTNP, segundo Tomazi (2000), era a obtenção de lucro rápido com a venda de terras e lotes nas áreas urbanas.

Em algumas obras consultadas, há interferência do poder político. Nos discursos oficiais passou-se a imagem do plano “perfeito” de colonização que o governo aceitou para o Estado, ocultando detalhes prejudiciais do projeto. Os documentos oficiais informam que a ação da CTNP foi pacífica e teve total sucesso, porém há fontes que contradizem essa versão. Há vários relatos da violência contra os índios, posseiros, sertanejos, caboclos, grileiros e contra todos aqueles sobre os quais o empreendimento não tinha controle pelo fato de não serem proprietários de terras.

Ainda segundo Zago et al. (2004), a região teve um grande progresso, em um espaço de tempo muito curto, mas a história atropela determinados autores desse crescimento.

O café foi outro importante fator de desenvolvimento da região. Durante muito tempo a cafeicultura foi uma fonte de riqueza para o Estado e foi das plantações de café no Norte do Paraná que surgiram cidades que hoje despontam como polos regionais (Maringá, Londrina, Cianorte, Umuarama).

O café, na década de 1970, perdeu sua importância para as lavouras de soja e trigo e a pecuária. As indústrias também passam a ocupar espaço na região, que antigamente vivia das

culturas agropecuárias. Hoje, a região, que compreende o Norte e o Noroeste do Estado, é de grande importância para a economia da Região Sul do País.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os geógrafos repensam o espaço e o consideram sob vários aspectos interligados: fenômenos naturais, a ação transformadora do homem a partir do trabalho, suas ações políticas, a formação e a organização dos espaços. Esses fatores refletem as marcas do momento histórico de sua criação e recriação constante.

O lugar no contexto geográfico é concebido pela suas particularidades. Cada espaço contém uma história e personagens que contribuíram para transformação do espaço geográfico.

Com base no processo histórico podem-se compreender os fatores políticos e sociais que decorreram e que explicam a atual configuração do espaço no cenário geográfico. Os conhecimentos dos fatos do passado explicam as feições do presente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Fundação Araucária pelo apoio financeiro através do convênio 319/2007 e CNPQ processo nº 473253/2007.

As Professoras: Dr^a Marta Luzia de Souza e a Dr^a Elza Yasuko Passini pelo apoio e contribuição na organização das ideias.

REFERÊNCIAS

CANCIAN, N. A. **Cafeicultura paranaense: 1900/1970**. Curitiba: Grafipar, 1981.

CARDOSO, J. A. **Atlas histórico do Paraná**. 9. ed. Curitiba: Chain, 1981.

CARVALHO, J. F. de. **Os assalariados rurais da agroindústria canavieira na mesorregião noroeste paranaense**. 2008. 199 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2008.

CMNP- COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. **Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná**. Publicação comemorativa do cinquentenário da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná

(CMNP). São Paulo, 1975.

DELGADO, E. N. F. **Desenvolvimento local e meio ambiente: as transformações históricas na paisagem do município de Novo Itacolomi – PR. (1975 – 2007)**. 2007. 245 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós Graduação em Geografia, Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2007.

DIAS, R. do B.; GONÇALVES, J. H. R. **Maringá e o norte do Paraná: estudos de história regional**. Maringá: EDUEM, 1999.

FONSECA, F. P. da. **O projeto “Arenito Nova Fronteira” e o avanço das lavouras temporárias nas terras de pasto**. 2006. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2006.

HARACENKO, A. A. de S. **O processo de transformação do território no noroeste do Paraná e a construção das novas territorialidades camponesas**. 2007. 697 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Geografia - Programa de Pós Graduação em Geografia Humana, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Biblioteca. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 15 dez. 2008.

LUZ, F. **O fenômeno urbano numa zona pioneira**. Maringá: Prefeitura Municipal, 1997.

MOTA, L. T. **História do Paraná: ocupação e relações interculturais**. Maringá: EDUEM, 2005.

PHILO, C. História, geografia, e o “mistério ainda maior” da geografia histórica. In: GREGORY, D. et al. **Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

TOMAZI, N. D. **“Norte do Paraná”: história e fantasmagorias**. 1997. 338 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.

UMUARAMA. Prefeitura Municipal. Disponível

FRANÇA, J. P.

em: <<http://www.umuarama.com.br/>>. Acesso em: 15 dez. 2008.

WACHOWICZ, R. C. **História do Paraná**. 6. ed. Curitiba: Vicentina, 1988.

ZAGO, A. A. et al. Norte do Paraná: uma leitura do eldorado do café. **Revista Percorso: Curitiba em Turismo**, Curitiba, n. 3, p. 55-66, 2004.

LA OCUPACIÓN DEL NOROESTE DE PARANÁ Y LA CIUDAD DE UMUARAMA: UNA RETROSPECTIVA DEL PROCESO DE OCUPACIÓN

RESUMEN: La ciencia Geográfica valora el elemento histórico, pues sin comprender éste, existe una laguna para entender los espacios actuales y sus transformaciones. En este artículo se buscó discurrir sobre el proceso de ocupación del territorio paranaense, en especial la región noroeste y la ciudad de Umuarama. Al observar un determinado local, hipotéticamente, se espera entender cuales los reales sucesos que llevaron aquel sitio a detener aquella conformación. Los procesos históricos y los cambios políticos afectan y alteran la configuración del espacio, para entender la actual coyuntura territorial es necesario saber los hechos y las constataciones del espacio general, para posteriormente comprender los sucesos más específicos del local.

PALAVRAS-CHAVE: Noroeste de Paraná. Umuarama. Ocupación. Transformaciones del espacio.